

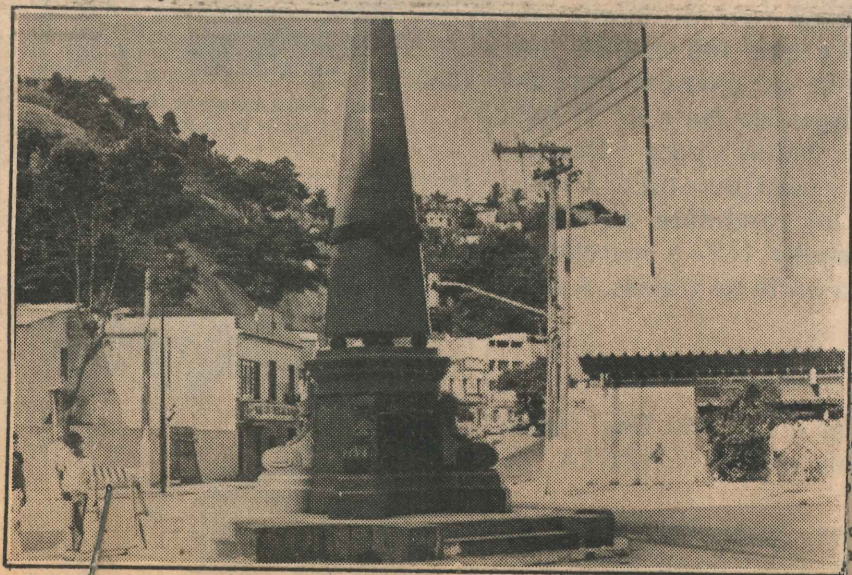
Enfim,  
uma praça  
que  
funciona  
bem  
dentro  
de seus  
objetivos:  
a Costa  
Pereira.

Primeiro os bondes, *A 500 749*  
depois o viaduto, agora as praças...

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca



**O monumento ao trabalhador, agora perdido numa praça entre crianças e edifícios**



**Na Praça do Trabalho (na verdade um largo) o obelisco serve para dividir o trânsito.**

O passado urbano da cidade foi inteiramente suprimido em consequência de mudanças urbanísticas que provocaram alterações na estética e na própria finalidade dos logradouros públicos de Vitória. Para o arquiteto Antônio Carlos Carpintero, "desde que deixamos de ser uma cidade repleta de ladeiras, com prédios baixos e poucos carros, para ser o caos que somos hoje, nossos logradouros públicos foram perdendo o sentido".

Texto de Júlio Fabris.  
Fotos de Gildo Loyola.

**O**viaduto da rua Caramuru servia antigamente aos bondes que compunham a paisagem urbana de Vitória. Os tempos passaram, o bonde foi suprimido, restando àquela viaduto a tarefa de servir como meio de trânsito para os novos donos das vias públicas: os automóveis. Em torno dele a paisagem também mudou. As casas antigas, geralmente baixas, cederam lugar aos prédios e edifícios.

Como resquício de um passado urbano inteiramente suprimido, o viaduto perdeu-se diante do novo aspecto da cidade, agora em desarmonia com o que lhe rodeia. Talvez isto explique a razão de sua pouca valorização atualmente. Inclusive, as razões pelas quais se encontra relativamente abandonado. Em suas pilstras, por exemplo, existem figuras esculpidas em alto relevo, dificilmente observadas pelos transeuntes. Sua inadequação e abandono são exemplos de como as mudanças urbanísticas em uma cidade podem provocar alterações na estética e na própria finalidade dos logradouros públicos.

Antigamente, a rua Caramuru era conhecida pelo pitoresco nome de "ladeira do quebra-b...", pois o calçamento era em pedra (e ainda é) com subida íngreme e o agravante de que havia muitas infiltrações de água. Isto deixava as pedras sempre molhadas. Resultado: os pedestres da época (início do século) estavam sujeitos a quedas nada agradáveis. Hoje, evidentemente, tais perigos não existem mais e o nome rua Caramuru cai melhor.

Para o arquiteto Antônio Carlos Carpintero, a rua Caramuru e o seu viaduto são exemplos típicos de como as mudanças em uma cidade implicam em transformações qualitativas dos logradouros públicos: "Antes ele tinha uma função primária, pois a via principal era por cima. Agora, tem uma função secundária, já que a via principal passou a ser a rua Caramuru. O viaduto não tem mais importância dentro do contexto do lugar. Tanto perdeu esta importância que estão construindo um prédio ao lado dele".

Para Carpintero, antes de mais nada "um problema de Gestalt", termo muito usado em psicologia: "Uma mesma peça

vista isoladamente e vista ao lado de outras peças diferentes. Uma peça feia colocada dentro de um determinado espaço urbano pode ficar bem". Em função disso, ele acrescenta: "O problema dos logradouros públicos de Vitória é que eles estão desarmonizados com o meio". Desde que Vitória deixou de ser uma cidade repleta de ladeiras, com prédios baixos e poucos carros para ser o caos que hoje é, seus logradouros públicos foram perdendo o sentido.

Outro exemplo típico parece ser a escadaria Maria Ortiz, que contém um pouco da história do Espírito Santo. Antigamente, esta escadaria se chamava "Ladeira Trapiche ou do Pelourinho" (Luiz Derenzi, em A Biografia de uma Ilha). Esta localidade tinha o nome de Trapiche porque estava à beira-mar (o que hoje não faz mais sentido, e chamava-se Pelourinho porque, no fim da subida, se encontrava "este instrumento da justiça portuguesa", como diz Luiz Derenzi).

Em 1925, o local onde se encontra atualmente a escadaria foi palco de alguns acontecimentos marcantes da invasão holandesa de então. A escadaria foi construída em 1924. Ainda hoje ela mantém uma certa condição de repouso, pois é relativamente bem arborizada. A mudança da cidade, contudo, deixou-a com um "peso" estético estranho. "Ninguém gosta da escadaria Maria Ortiz do jeito que está. Uns dizem que é a escada. O que está ruim na verdade é a interação da escadaria com o meio ao redor".

Carpintero acrescenta que não se trata da questão de Vitória ter deixado de ser uma cidade provinciana para ser uma pequena cidade grande cheia de problemas. "A noção de provincialismo que se tem de prédios baixos não tem sentido: o problema todo é de relações globais". Ou seja, de Gestalt. Ele diz ainda que "os edifícios altos destruíram as relações estéticas da cidade, não havendo substituição por uma nova estética". A construção de prédios altos, com o consequente adensamento urbano no centro da cidade, trouxe outros problemas graves: o número de praças diminuiu e as que restam são de tamanho exiguo para atender à população que vive no centro da cidade.

Para o arquiteto Fernando Betarello, "as praças devem ter a finalidade de acalmar o habitante da cidade em relação à visão constante de prédios, ruas e carros: umas árvores com gramas em meio ao turbilhão urbano sempre funcionam como ponto de equilíbrio contra a tensão provocada pelos automóveis e prédios". Betarello acrescenta ainda que Vitória tem a vantagem, em relação a cidades como São Paulo e Belo Horizonte, da vista do mar, que é como "um profundo calmante". Entretanto, ele diz que as praças da cidade não cumprem bem sua finalidade.

Uma dessas finalidades, segundo Betarello, seria a de criar uma maior socialização entre os moradores da cidade. "As pessoas trabalham de segunda a sexta, geralmente em ambientes fechados e no final de semana nem sempre têm oportunidades de uma recreação comum com outras pessoas em lugares públicos, onde, por sinal, poderiam travar novos conhecimentos e amizades, saindo do bitolamento do trabalho. Este bitolamen-

to é típico no caso por exemplo, de uma pessoa que tira férias: como não há programas sociais que possibilitem seu relacionamento fora do trabalho, ela fica perdida, pois seus companheiros estão trabalhando. Era importante que, numa cidade, as praças fossem utilizadas para programas culturais e de lazer". Na Europa, muitas vezes, os parques são utilizados como palcos de concertos públicos, que é um meio de socialização dos habitantes "Sem ir tão longe, em São Paulo há algum tempo em alguns parques, promovia-se gratuitamente programas de música popular, contando com artistas como Milton Nascimento e Hermeto Pascoal. Era uma forma de lazer que promovia a socialização".

Na verdade, poucas praças na cidade têm cumprido a finalidade de lazer público. Em princípio, se poderia citar a Ubaldo Ramallete, em frente ao Britz, e a praça de Jucutuquara. No caso da primeira por ser uma área livre numa região repleta de prédios e por ter o calçamento da rua Sete junto a ela, diminuindo o tráfego em suas proximidades, esta praça passou a ser uma espécie de refúgio para as crianças que moram nas proximidades. No caso da de Jucutuquara, ela é, em princípio, uma divisora de trânsito. Há ali um ponto de ônibus, o que contribui significativamente para acentuar o tráfego de pessoas no local. Curiosamente, porém, apesar do tráfego intenso em suas imediações e do ponto de ônibus, a praça de Jucutuquara tem funcionado, segundo Carpintero, relativamente bem dentro de seu objetivo de praça: notadamente na parte da manhã e o entardecer, muitos moradores da localidade, principalmente os mais antigos, costumam ir ao lugar para conversar, ou simplesmente olhar a movimentação.

Uma outra praça que funciona bem dentro do seu objetivo é a Costa Pereira, que é, segundo Betarello, um exemplo de praça para Vitória: "Trata-se de um ponto de encontro, como deve ser uma das finalidades da praça, além de constituir-se num verdadeiro descanso visual. É muito bem conservada". Ela é uma das mais antigas de Vitória, datando, em sua versão definitiva, de 1928. Segundo consta no estudo de Luiz Derenzi, o lugar, em meados do século passado, era, "verdadeiramente, uma paisagem idílica". Ele escreveu o seguinte: "Era conhecido o lugar pelo nome de 'Prainha', antes de erigir-se, a capela por Dionízio Francisco Frade. As enxurradas e as águas dos Pelames engrossavam a 'Fonte Grande', transformando-a em apreciável curso d'água, correndo em vala artificial, denominado 'Reguinho'. Na confluência deste com o mar surgiu uma restinga, nas proximidades da embocadura das ruas Sete e Graciano Neves".

Quanto à praça atrás dos correios, onde estacionam os ônibus, Carpintero diz que ela é bastante prejudicada pela existência de um posto de gasolina na divisão das avenidas Princesa Isabel e Reira Mar. Já a da Esplanada Capixaba, ela não possui uma boa movimentação, "devido, provavelmente, à sua linguagem", com poucas árvores. Por outro lado, uma praça que parece estar cumprindo bem sua função é a que existe próxima ao Palácio do Governo: pequena mas bem arborizada e até mesmo aconchegante.

Por outro, uma praça construída durante a segunda gestão de Setembrino Pelissari tem provocado muita controvérsia: trata-se da Cristóvão Jacques, situada na Praia do Canto. Apesar de bem cuidada, a cerca que existe em volta dela tem provocado discussão. Segundo Carpintero, "é um absurdo que se feche uma praça só para que algumas pessoas possam jogar tênis". Com relação à possível questão da segurança das crianças que frequentam a praça, Betarello, outro crítico das cercas, afirma que não seria necessário tanto para garantir a segurança das crianças: bastava uma cerca de 1 metro, ou 1,5 metro. Já a responsável pelos projetos da Secretaria dos Serviços Urbanos, Ana Clara Martins, afirma ser a praça Cristóvão "ótima", apesar de muitos a criticarem".

Fechar uma praça é sempre um problema. Por esta razão, têm sido muito criticado, recentemente, os muros que delimitam o Parque Moscoso: "Eu nunca entrei no Parque Moscoso — diz Carpintero. Eu acho uma afronta se cobrar para entrar em uma praça pública, pois já pago impostos". Carpintero acrescenta que o Parque Moscoso não é propriamente um parque, mas uma praça. "Em Vitória, aquela área equivale a um quarteirão. Contudo, pelo adensamento urbano, ali não existe uma dimensão tal que fizesse jus ao termo parque". Também Betarello afirma ser inconcebível colocar muro em torno de um parque — ou praça — e cobrar para que se entre nele, e destaca que já se paga impostos suficientes para poder utilizar esse tipo de recursos da comunidade.

Isaac Ruy Menezes, secretário de Serviços Urbanos, diz que ao assumir seu posto, há um ano, encontrou o Parque Moscoso como está: fechado e com cobrança de ingressos. Por isso, nunca se preocupou com a questão. Ele diz, além disso, que há uma "despesa muito grande com a manutenção do parque, inclusive dos animais. Para ele, os ingressos "ajudam a selecionar o ambiente", impedindo a "visita de desocupados e marginais". Atualmente existem 62 pessoas trabalhando no parque. Geralmente, arrecada-se, com a venda de ingressos em torno de Cr\$ 200 mil com uma despesa de, em média de Cr\$ 30 mil, não contando a folha de pagamento dos funcionários.

Para Betarello, o que mais prejudica atualmente, no caso dos muros é a "quebra da espontaneidade" na visita ao parque. "Ao se cobrar, faz-se com que as pessoas programem ir ao parque. O ideal seria que a pessoa entrasse no parque naturalmente, pelo próprio fato de estar andando nas suas imediações. Deste modo, ele seria usado também como via de trajeto de pedestres. "Há quem pense em lançar uma campanha pela derrubada dos muros do Parque Moscoso.

#### OBELISCO

A questão de Gestalt que o arquiteto Antônio Carlos Carpintero levantou inicialmente também poderia ser aplicada ao obelisco existente em frente à Capitania dos Portos. O local, que no fundo, é um largo, tem a denominação de Praça do Trabalho, muito embora a estátua do trabalhador esteja na antiga Prefeitura de Vitória.

Para Carpintero, o obelisco, que funciona como um divisor de trânsito, ficou extremamente desvalorizado com o surgimento de prédios em sua volta. Ele seria, além disso, "um mau divisor de trânsito". As denominações impróprias de praças em Vitória não param aí: no cruzamento da avenida Nossa Senhora da Penha com a avenida Rio Branco, existe um trevo chamado "Praça San Martin". Tanto Isaac Menezes quanto Ana Clara Martins, ambos funcionários da Prefeitura de Vitória, ficaram surpresos ao saberem que aquilo era uma "praça". Por sinal, a placa indicando a classificação do logradouro é de dimensão incomum. Provavelmente porque, do contrário ninguém saberia que aquilo é uma praça.